

O LUTO COMO DESENCADEADOR DO INSÓLITO E DO DUPLO NO LIVRO *ALICE EM SONHOS*

THAYENNE NASCIMENTO*

Universidade Federal Fluminense (UFF), Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Niterói, RJ, Brasil.

Recebido em: 31 jul. 2023. Aprovado em: 16 out. 2023.

Como citar este artigo: NASCIMENTO, T. O luto como desencadeador do insólito e do duplo no livro *Alice em Sonhos*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 23, n. 3, p. 76-90, set./dez. 2023. DOI 10.5935/cadernosletras.v23n3p76-90

Resumo

O livro *Alice em Sonhos*, de autoria do escritor niteroiense Leslie Lothar C. Hein, publicado em 2021, será analisado a partir da seguinte pergunta norteadora: “Como o insólito e o duplo são desencadeados pelo luto que a personagem principal, Alice, vive?”. Compondo o universo atual da literatura fantástica e do insólito ficcional, essa obra será pautada pelas ideias de “entre” e “tensão”, desenvolvidas pelos pesquisadores Manuel Antonio de Castro e Fábio Santana Pessanha, ambos da UFRJ. Nosso objetivo é destacar o papel do luto como

* E-mail: thayhistoria@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-3974-5897>

chave desencadeadora do insólito na narrativa e do duplo na personagem principal, sendo o duplo entendido como um simulacro platônico.

Palavras-chave

Insólito ficcional. Duplo. Luto.

INTRODUÇÃO

O livro *Alice em Sonhos* foi publicado em 2021 pelo autor Leslie Lothar C. Hein. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Leslie Hein aventurou-se como autor estreante no universo do insólito ficcional. O nome da personagem principal, Alice Liddell, transporta-nos imediatamente à lembrança do livro de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*. Porém, tal empréstimo, que por vezes dialoga com a protagonista de Carroll, dá-se com enredo e história completamente diferentes (apesar de haver referências diretas a alguns dos personagens da literatura fantástica carrolliana, por terem feito parte de toda a infância da Alice de Hein).

Para entendermos melhor a fonte literária com a qual estamos trabalhando, convém situar os leitores acerca da história que dá direção ao livro. Apesar de ao longo de toda a narrativa já termos tomado conhecimento da personagem principal e do que ela se ocupa, as informações são reunidas e apresentadas por ela mesma em resposta a uma pergunta feita pelo seu psicólogo, Spivoegel, quando este a inquiriu sobre quem ela pensaria ser:

“Quem é você, Alice?”

“Não acha que essa não é uma pergunta estranha? Digo, mesmo para um terapeuta... Dr. Spivoegel.”

“Pense como em uma conversa entre amigos...”

“Oh, somos velhos amigos, então?” Esta pequena ironia bem poderia ser interpretada como hostilidade pelo bom doutor.

“Se preferir...”

“Como poderia dizer quem sou? Meu nome? O que faço de minha vida? Alice Liddell, mestre em literatura inglesa pela King’s College, escrevi um trabalho sobre Lewis Carroll: “Iguais, porém opostas, imagens reflexas na obra de Lewis Carroll”. Eu, pelo menos, o achei muito original. Sou pesquisadora e professora... licenciada no momento...” (Hein, 2021, p. 198).

Ainda assim, isso não esclarece a totalidade da personagem. A narrativa se concentra no luto que ela está vivenciando: a perda de seu tio Brian Liddell, irmão de seu pai, e por quem nutria uma grande afeição, como se ele ocupasse o espaço do seu pai. O luto pelo qual a personagem passa é especialmente dolorido pelo fato de essa morte ter ocorrido em um acidente de trânsito provocado pela própria sobrinha (era Alice quem dirigia o carro no momento fatídico). É, então, a partir da dor do luto que Alice começa a viver uma série de situações insólitas, em que realidade e sonho alternam-se. Isso ocorre por meio das próprias referências literárias que a moldaram e influenciaram sua escolha profissional: o universo fantástico e onírico do País das Maravilhas (porém, circunscritos na sua cidade onírica, Sonhos). O insólito é observado tanto em vestígios que a moça traz involuntariamente do plano onírico (como cortes, arranhões e ferimentos conquistados em meio à dor e à angústia de tentar salvar o mundo ilusório que lhe oferecia a contraparte, quando a realidade se mostrava dura e pungente) e a sua experiência de vida, seus abalos emocionais, sua relação conturbada com os pais, em particular com a mãe, adentram os seus sonhos de um modo nada confortável; na verdade, destrutivo.

Conforme temos conhecimento da imensidão da fortuna crítica e teórica em que se sedimentam a literatura fantástica e o insólito ficcional, seria hercúleo recuperá-lo sem ter o espaço confortável e sem fim para tal (e mesmo porque não é o foco central deste texto). Optamos, portanto, por um recorte teórico que pudesse possibilitar uma leitura atenta, todavia menos restritiva quanto a conceitos e definições. Assim sendo, pautaremos nosso olhar crítico pelas ideias de “entre” e “tensão” para conferir sentido à palavra insólito, ponderadas pelo viés filosófico e desenvolvidas pelos pesquisadores Manuel Antonio de Castro e Fábio Santana Pessanha, ambos pertencentes à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Por essa via de reflexão, pretendemos mostrar que mesmo as teorizações a respeito do conceito de insólito, como as elaboradas, por exemplo, por Tzvetan Todorov (1975), ao pensar a categorização da literatura fantástica nos gêneros literários, não esgotam a possibilidade de se refletir a respeito do insólito por outros meios.

Com elas, poderemos refletir a respeito de como o insólito e o duplo acontecem na vida da personagem, conduzindo-nos à seguinte indagação: “Como o insólito e o duplo são desencadeados pelo luto que a personagem principal, Alice, vive?”. Com tal pergunta, nosso objetivo é destacar o papel do luto como chave desencadeadora do duplo na personagem principal. Não nos

interessa, nesta análise, como se dá o fim entre Alice e seu duplo, porque isso significa resolver a tensão entre ambos. Interessa-nos o momento anterior, em que o luto descortina uma série de situações estranhas que alcançam seu clímax com o conhecimento da moça de seu duplo e o debate que se estabelece entre ambos (permanecendo, assim, nas ideias de “entre” e “tensão” adotadas neste artigo). Pretendemos, assim, contribuir para o debate sobre o insólito por meio de uma obra literária atual, recém-lançada e que reitera, com maestria, o poder que o insólito ficcional tem na literatura como um todo.

Como é um livro repleto de possibilidades de análise, que vão além do insólito, é preciso compreender sua estrutura e as partes que serão analisadas. O livro tem 50 capítulos distribuídos em três partes: “Sonhos”, “Espelhos” e “Realidade e morte”. Os capítulos que nos interessam mais especificamente são: “I. Abaixo através do buraco do coelho” (“Sonhos”) e “XLVII. O fantasma interior” (“Realidade e morte”).

“CADA VEZ MAIS ESTRANHÍSSIMO!”: O INSÓLITO COMO A TENSÃO ENTRE O LUTO E O IRREAL

“O que está acontecendo comigo?...
Esta é a pergunta’, Alice pensou”
(Hein, 2021, p. 272).

Desde quando teve alta do hospital, dados os ferimentos com o acidente automobilístico, Alice era tratada por todos com certa dose de preocupação – não sem justificativa: sabemos, ainda que de modo não inteiramente esclarecido, nem mesmo pela protagonista, que, durante sua convalescença, Alice teve uma crise seguida de uma tentativa de suicídio. Contudo, acompanhamos, desde o primeiro capítulo, a sensação de vazio e a profunda tristeza que ela experimenta pela morte de seu adorado tio. Alice, desde criança, sempre foi uma menina reservada, voltada aos seus livros e sonhos. A perda de Brian a torna mais reclusa, mergulhada na crença de que a ausência dele nunca será superada (intensificada pelo sentimento de culpa, por considerar-se a única responsável pelo que ocorreu).

É a partir do processo de enlutamento que várias situações estranhas e inexplicáveis acontecem, não podendo nem ela mesma as explicar (como

indica a epígrafe que abre esta seção, excerto do livro em análise). O que, de fato, são essas situações atípicas? A mistura entre sonho e realidade ou, em melhores palavras, vestígios de um universo que são percebidos no outro, e vice-versa. Todavia, não são situações insólitas pura e simplesmente, elas carregam consigo aspectos que lhe são familiares: os personagens do País das Maravilhas.

Desde criança, Alice era fascinada pela personagem que lhe empresta o nome, bem como pelos personagens com que a Alice carrolliana estabelecia contato. Desse mundo ilusório e fantástico, a Alice heiniana fez o seu mundo encantado, aquele em que ela poderia fechar os olhos e se sentir transportada àquela paisagem de fantasia, quando os insultos e maus-tratos de sua mãe, Lucy, faziam-se perversos e vis. E são justamente esses elementos da realidade que invadem o tecido sensível e protetor do mundo de Sonhos da moça.

Em um final de dia, em que retornava para o seu apartamento acompanhada de uma de suas irmãs, Lorina (que resolveu passar a tarde com Alice, fazendo companhia, conversando, procurando tirar a jovem moça da apatia que parecia dominá-la), algo estranho acontece: pela janela do ônibus, ela vê, não sem certo espanto, o Coelho branco correr, como se ele estivesse tentando alcançar o ônibus no qual ela estava (talvez para salvá-la da iminência de seu fim). A incapacidade de explicar tais eventos, decorrente da hesitação que eles provocam na personagem, e dela através para o leitor, é, para o teórico estruturalista Tzvetan Todorov (1975), um dos aspectos que definem a literatura fantástica e, em particular, o insólito. Qualquer tentativa de conjecturar a respeito da materialidade do Coelho na realidade de Alice é frustrada, descortinando a ruptura da realidade e pondo em xeque qualquer explicação racional para o que Alice presenciou.

O insólito, na definição apresentada por Flavio García (2022) ao *Dicionário digital do insólito ficcional*, é algo “extraordinário, raro, singular, incomum, estranho, que não se espera”. É também, na expansão de sua definição, segundo Fábio Pessanha (2008, p. 36), “aquilo que foge à naturalidade dos fatos que compõem o cotidiano, na medida em que acontece algo caracterizado como sobrenatural, extraordinário ou não explicado numa ótica plausível”.

Esse não é o único acontecimento extraordinário que ela vivencia durante sua viagem de ônibus para casa. O tédio da viagem, somado ao cansaço de diversas noites sem dormir, conduz Alice ao cochilo e, dele, ao sonho. Ao longo do seu sonho, imagens e situações mudam constantemente, até que ela se

encontre no Salão dos Espelhos (também denominado Torre do Fim do Mundo). Em *Sonhos*, esse é um lugar menos, ou melhor, praticamente nunca visitado pela moça, porque nele estão todas as dores, frustrações, desilusões que Alice sofreu ao longo de sua vida (e onde nele também está a dor do luto). Sombrio, isolado e desolado, o Salão dos Espelhos é permanentemente mergulhado em escuridão. Durante o percurso que Alice faz pelos seus corredores, algo parece querer persegui-la. Já nesse capítulo de abertura, mesmo que ainda sem indicações precisas, notamos que seu duplo a persegue, assim como a sombra faz conosco, mas de um modo esquisito, diferente. Embora percebido pela protagonista, o estranhamento, que ela julga ser comum a esse universo, não a impede de continuar a percorrer o lugar:

Nos poucos passos que deu, mergulhou em sombras. Até onde podia ver, as paredes não pareciam ter limites, mas era apenas a sensação causada pela escuridão que os punham fora de vista. Das grandes vidraças, no entanto, pendiam cortinas brancas que ondulavam com o vento que atravessava frestas. Todo o conjunto projetava-se sobre o chão conforme os relâmpagos caíam: vultos que lembravam grades de uma prisão. E entre aqueles, sua própria figura a perseguia, acompanhando os seus passos e repetindo seus gestos – como é próprio das sombras. As sombras, como entes imateriais, são naturalmente capazes de cruzar os limites concretos do mundo, assim como, igualmente, de sobrepujar qualquer barra de ferro imaginária. Não deveriam, portanto, surpreender-nos por tais efeitos. Não obstante, a figura que a acompanhava apresentava-se de tal forma disforme, alongada e retorcida que, em seu deslocamento, assumia um aspecto sorrateiro e mal-intencionado. Alice, então, intrigada, parou um momento para analisar o tal espectro. Estranhamente, aos seus olhos, a imagem pareceu ainda se adiantar mais um passo antes de deter-se e encará-la. A moça não pôde concluir se, de fato, os movimentos não coincidiram ou se foi somente uma impressão sua, mas não esperou para explicar o insólito (Hein, 2021, p. 9-10).

Como adverte García (2022), podemos ir além da negação que o prefixo *in-* empresta à palavra *sólito* (habitual, costumeiro) e pensá-lo como um lugar ou uma expressão de movimento para o interior de uma situação ou de um indivíduo. Assim, quer como movimento interiorizado ou algo fora da normalidade, as palavras escapam ao tentar definir o insólito: cabe apenas vivê-lo, mesmo que ele coloque de ponta-cabeça o mundo daquele que o experimenta.

Desperta de seus sonhos por uma freada abrupta do ônibus e insatisfeita por ter sido pega cochilando por sua irmã (que não deixou de rir da situação),

Alice volta-se, novamente, à paisagem noturna através da janela do ônibus. O reflexo da luz contra o vidro chama a atenção dela para a própria imagem refletida nele. Tal imagem, fiel ou não à sua original, era, ao mesmo tempo, outra, como um simulacro de semelhança malfeita, de escárnio e decrepitude. Mais uma vez, ainda sem pleno conhecimento pelo leitor, o duplo novamente se apresenta, metamorfoseado numa imagem distorcida e negativa da imagem original, a de Alice:

Desta vez, ao olhar pela janela, Alice percebeu seus próprios olhos refletidos no vidro. Em um primeiro momento, desviou o olhar desinteressada, fixando-se sobre a fileira de fachadas ao fundo. Mas, rapidamente voltou aos seus olhos. Agora que os havia notado, o reflexo não parecia deixá-la. A noite trazia-lhe uma imagem fantasma de si mesma. Uma sensação desagradável que se unia ao enjoo e à dor de cabeça. Lá estava a sua estranha em si: sua imagem como uma desconhecida – uma desconhecida que insistia em encará-la. Mas, para sua surpresa, naquele espelho, a sua expressão de apreensão e cansaço foi, aos poucos, substituída por uma expressão de escárnio. Para Alice, a pessoa na janela, a cada segundo deixava de ter qualquer coisa em comum consigo. Ela era um feio espectro cinzento, pálido, com olheiras e marcas de cansaço. Um retrato de uma pessoa gasta, sem esperança, um ser outro que, desgarrado de si, atrevidamente lhe retribuía o olhar. Um ser de tal forma enjeitado e vingativo em sua miséria que o próprio mundo arrepender-se-ia de tê-lo trazido à vida (Hein, 2021, p. 14).

Aqui, percebemos a fissura que o insólito, por meio das primeiras aparições do duplo, provoca no tecido da realidade cotidiana da personagem. Embora provoque incômodo, estranheza e mistério à cena, Alice procura apenas se desviar da imagem que a incomoda, sem procurar respostas ao que sucedeu. A propósito, outro aspecto que marca o insólito é a incapacidade que ele confere a quem o vive de conseguir explicá-lo (é algo que acontece para além da capacidade linguística de apreendê-lo com palavras). Escolha oposta é tomada por aqueles que nunca o vivenciaram, mas, se o fizessem, prudente seria ter a explicação antecipada ao evento: “quem está de fora e não acredita tenta sempre explicar, mas quem experiencia o insólito experiencia e não tenta explicar” (Castro, 2008, p. 14).

Mesmo que Alice não ofereça qualquer reflexão a respeito e a cena seja cortada pela descida dela e de sua irmã, Lorina, ao ponto de ônibus, a primeira tensão, ainda que sutil, e desconhecida até mesmo por Alice, manifesta-se.

A estranheza da situação inaugura a ambiguidade da existência do ausente, ou, em melhores palavras, da aparição do duplo, ainda que de modo imaterial, imagético somente. Como salienta Manuel Antonio de Castro (2008, p. 15), “Na experienciação acontece uma vivência inaugural, fora de qualquer paradigma”, pois, de acordo como Pessanha (2008, p. 36) prefere considerar sobre o insólito, o que vigora é “a tensão entre a ausência e a concretude daquilo que se ausenta”, combinando a oposição abstrato e concreto ao mesmo tempo.

De acordo com Castro (2008) e Pessanha (2008), o insólito é um interstício, um entre que indetermina, e, portanto, torna ambígua a capacidade de precisar a convergência entre o que se nega e o que a negação descortina de existente. É o paradoxo entre o cotidiano e o inabitual. O inabitual, aquilo que é incomum de se afirmar como coisa presente, não é, igualmente, concreto. Assim, o que se afirma no insólito é a experimentação da negação, de um entre que não descarta o real, tampouco pode ser reduzido a uma mera ilusão. Portanto, entre afirmar e negar um evento ou entidade estranha, o insólito ocupa o seu lugar, isto é, realiza-se na ambiguidade que ele mesmo produz.

[...] o insólito é simplesmente o não-costumeiro, o não-habitual. A palavra costume diz em português o comportamento de alguém a partir de valores, dos valores e costumes vigentes dentro de um mundo. Por isso, a força e vigor do insólito está em quebrar os valores dominantes, em pôr em questão um certo mundo. Sem valores, a realidade ou mundo parece tornar-se caótica, sem uma verdade que a ordene e dê segurança. Verdade e mundo precedem, pois, a realidade a que já nos habituamos. Daí a ligação do costume com o hábito, isto é, palavra formada do verbo latino *habere*: ter. Hábito é o que se tem, isto é, a realidade enquanto real e verdadeira na medida em que ela se deu como mundo, sentido e verdade, mas retraindo-se como realidade. Nesse sentido, o insólito passa a ser uma realidade enquanto sentido, mundo e verdade, que não se tem, trazendo tanto o novo, o admirável, o inaugural como o inusitado, o ameaçador, o desconhecido, o sem-sentido, sem-mundo, sem verdade. O insólito, num e noutro caso, sempre nos deixa perplexos, porque tanto pode ser o maravilhoso e fantástico como o estranho e horrível (Castro, 2008, p. 28).

Sendo o insólito a marca da subversão da ordem cotidiana, da ruptura e instauração do caos, no caso de Alice, a perda de Brian fragilizou-a de tal forma que nem mesmo a realidade concreta parecia fazer sentido. Consequentemente, o universo onírico da moça adquire um novo sentido. O que era, *per se*, espaço do insólito, do *nonsense*, torna-se razoável, pautado, consistente.

O que o luto provoca em Alice é a subversão dos sentidos de realidade e sonhos: ambos passam a ser marcados pelo horror, pelo desejo, ainda que inconsciente da personagem, de destruição. Entre um e outro mundo, o insólito se instala como marca de tensão. E, naquele espaço interior, como manifestação daquele duplo. Nessa narrativa, o duplo é um outro, externo à personagem, mas familiar. Ele se materializará em Sonhos, por meio de uma menina chamada Carole Lewis.

“O QUE ME OFERECE, ENTÃO, É A BELA MORTE...”: A CONFRONTAÇÃO DE ALICE COM O SEU DUPLO

Ao longo dos capítulos da segunda parte do livro, a partir do capítulo XXVI (intitulado “O frio toque de sua mão”), Alice encontra seu duplo (sem se dar conta, ainda, de que se trata disso). Ao tentar escapar de sombras que tentam destruir tudo que encontram pela frente na cidade de Sonhos, Alice, seus cães (que dialogam a todo momento com a personagem) e alguns dos personagens da Alice carrolliana tentam se abrigar em um prédio que ainda resiste à destruição. Dado o cansaço entre perseguição e correria, eles adormecem, menos Alice, que decide explorar o local. É nele, diante de um espelho no qual contempla a própria imagem, enquanto tantas outras nele refletidas aparecem e somem, que Alice vê uma menina. Ao olhar para trás de si, ela nota que a menininha é real. Depois de introduzida ao grupo, apesar de insistente desconfiança por parte de seus cães (por temerem a sua origem desconhecida), Carole Lewis passa a acompanhar a protagonista na empreitada de tentar descobrir quem é o responsável pela destruição do Salão das Portas (aquele pelo qual a protagonista entra no reino de Sonhos) e pelos demais espaços ao longo da sua trajetória original através do Reino dos Sonhos.

Conforme salienta Aurora Alvarez (2022), nem sempre a presença do duplo implica a imediata categorização da narrativa como insólita. Isso ocorre porque, primeiramente, o duplo é uma entidade desdobrada da projeção psíquica de um indivíduo. Esse desdobramento é desencadeado por algum acontecimento vivido pelo indivíduo, sendo tal desdobramento positivo ou negativo (no caso de Alice, o desdobramento será negativo, pela dor da perda). Em termos teóricos, segundo López (2006 *apud* Leite, 2013, p. 34), a questão do duplo suscitou uma produção conceitual para se referir ao fenômeno da

duplicidade do eu na escrita literária: “alter ego, sócia, o outro, segundo eu e *doppelgänger*”.

Quer seja o duplo produto da objetividade ou subjetividade do eu, aquele guarda em relação a essa similaridade e oposição. Isso produz uma relação de tensão em que ambos, o “eu” e o duplo, geram, mutuamente, fascínio e horror um pelo outro. Em *Alice em Sonhos*, a protagonista sente afeto por Carole, embora não saiba explicar por quê. Carole, em contrapartida, comporta-se de maneira neutra, sem demonstrar, de fato, qual a sua inclinação (para o mal ou para o bem). Porém, a situação muda quando o grupo, ao tentar fugir das sombras que o perseguem, perde de vista a menina. Daí em diante, o duplo dará provas de sua vontade de destruição (ainda que o faça de modo parcialmente oculto, sem revelar-se integralmente).

Em termos filosóficos, a questão do duplo e a ambivalência que ele produz provocam questionamentos concernentes à identidade e, conseqüentemente, põem em xeque a nossa segurança sobre aquilo que supomos ser e o que fomos (abalando, desse modo, o papel de destaque da memória, como via segura e assertiva de encontrar o verdadeiro eu, e, portanto, a identidade mais esclarecedora sobre si mesmo). O duplo mexe com essa segurança, porque ele é uma entidade autônoma que mantém características associadas ao personagem que lhe dá existência, tampouco deixa de se relacionar com a sua fonte criadora. Em melhores palavras, o duplo “Gera-se a partir do ‘eu’ para, de imediato, dele se individualizar e adquirir existência própria” (Cunha, 2009), embora a relação que surja dessa (co)existência não seja pacífica, na maioria das vezes. Apesar do partilhamento de similaridades entre o “eu” e o duplo, este pode assumir uma personalidade positiva ou negativa, dependendo do grau maior ou menor de “identificação entre o ‘eu’ e o seu duplo” (Cunha, 2009).

Apesar da existência e autonomia, o duplo não apresenta o mesmo “estatuto ontológico” do “eu”. Ele até possui uma origem bem determinada, produto da autoconsciência daquele que o gerou, mas nem por isso adquire natureza real a ponto de ser analisado como uma coisa verdadeiramente existente no mundo. Conseqüentemente, o duplo deve ser entendido como um simulacro platônico, isto é, como uma entidade mutável e passageira, que somente imita as ideias (o ser original).

O ser distinto que surge do ser original, de acordo com a reflexão de Remedios Crespo (2000, p. 7) sobre as obras de Platão, guarda em si algo do original, assim como este partilha com aquele algo de não ser, marcando a

reflexão platônica acerca da alteridade. Crespo (2000) salienta que em várias obras Platão refletiu sobre a questão do ser e do distinto, do original, da cópia e do simulacro, tais como *Teeteto*, *A república*, *Fedro* e *O sofista*. Consoante com Platão, como explica Crespo (2000, p. 9), do modelo original (as ideias, o mundo inteligível) origina-se a cópia, espécie de imagem que toma de empréstimo as características daquele.

No caso das cópias, elas apresentam subdivisão: cópias bem fundamentadas, que apresentam algum grau de semelhança, e cópias malfeitas, porque desprovidas de semelhança, pautadas na fraude, na imitação (simulacro, portanto). Desse modo, os simulacros são entidades maliciosas que simulam algo que não são, podendo colocar em vulnerabilidade e desordem o mundo do modelo original. Em *Alice em Sonhos*, a dor que dilacera Alice é tal que, sem se dar conta, dela surge um duplo que pretende destruí-la, começando pelo aniquilamento de seu universo onírico (para que, enfim, isso reverbere em sua realidade concreta, isto é, o seu fim por completo).

Portanto, Platão destaca o lado sinistro das coisas, o duplo no simulacro, que é o perverso, o negativo, o insano (assim o é a menininha da história, Carole Lewis). O simulacro em Platão é, segundo Crespo (2000, p. 17, tradução nossa), “[...] uma incompatibilidade espacial no interior de si mesmo, como uma mensagem codificada referente a uma identidade quebrada”. A nova identidade que surge com a coexistência entre o “eu” e o duplo é marcada pela fissura, pela quebra, distinta em outro eu.

A hora do acerto de contas entre Alice e seu duplo chega. Após enfrentar tempestades e obstáculos, Alice aporta na Torre do Fim do Mundo. Ali se situa o Salão dos Espelhos, local que Alice e seus cães sabem que é onde o mistério será resolvido. Envolto em escuridão, ainda sem se revelar, o duplo apresenta-se à moça como a única pessoa que pode dar fim ao seu sofrimento:

Quando o frio silêncio tornou o seu caminhar hesitante e lento, passos outros foram ouvidos. A moça e os seus cães, então, detiveram-se em seu avanço e buscaram perceber a origem do som. Ali, um facho de luz abriu-se sobre o grupo. “Aguardei ansiosamente por você, Alice”, uma voz disse.

Assumindo a petulante postura de uma dama em uma corte, Alice respondeu: “Saudações, acredito que já tenhamos nos encontrado em outras ocasiões...” Os passos ouvidos circulando a volta do facho de luz, mantiveram-se distantes. “Adorável que recorde... Tão esperta!”, a mesma voz respondeu.

Tomada pela vaidade, Alice sentiu-se elogiada e reconhecida. Em um primeiro momento, imaginou jactar-se, exibindo o seu conhecimento e inteligência. Mas,

logo em seguida, ao reconsiderar a sua situação, sentiu que o gesto de adulação da sua oponente somente poderia ter como propósito distraí-la e enganá-la. A sensação de ter sido subestimada superou, então, aquela de apreço à sua inteligência. Sem alterar-se, mantendo o autocontrole e a altivez, Alice perguntou: “A quem devemos a honra?”

“Nomes não são necessários, você pode dizer que sou sua melhor amiga. A única que lhe poderá trazer paz” (Hein, 2021, p. 548).

Alice e seu duplo começam um diálogo. Nele, o duplo oferece a única saída possível à dor da perda que Alice sente: a morte. É importante dizer que no plano da realidade, em capítulo anterior, a protagonista decidiu pôr fim ao seu desespero. Após ter revisitado os álbuns de família, enquanto tomava uma garrafa inteira de vinho, decidiu entupir-se de remédios. Então, uma vez que ela já providenciara o ponto final à sua existência, o duplo considerou que era justo que o mesmo se desse no plano onírico:

“Eu proponho a recusa da covardia. Um último gesto honrado que acolha o inevitável; não na longa decrepitude, mas ainda na plenitude da vida e, assim, alcançar uma nova existência na memória dos que a amam.”

“O que me oferece, então, é a Bela Morte... A morte desejada por Aquiles, a morte de um guerreiro que deixa a vida na sua juventude para atingir a virtude. Deixar a vida para ganhar a memória dos entes queridos e de todos os outros no futuro”, disse Alice (Hein, 2021, p. 551).

Enquanto travam o embate verbal, seus cães e sua irmã, Lorina, que aparece em *Sonhos*, tentam convencer Alice de que a morte não é a melhor saída (até ali, não sabemos de fato se a tentativa da protagonista de findar a própria vida no plano da realidade deu certo). Em alguns momentos, Alice parece questionar a oferta de seu duplo:

“Você me decepciona, Alice. Deixa de lado uma decisão simples e importante por influência do tolo senso comum”, disse a voz contrariada.

“Que, no entanto, não propõe nada além da minha destruição”, disse Alice quase dançando ao redor do círculo enquanto olhava para a escuridão.

“Sim, destruí-la... Tomá-la em minhas mãos e esmagá-la”, disse a voz na escuridão em tom doce. [...]

E a voz na escuridão retomou: “Ora vamos, seja sincera... É exatamente isso o que você quer... Destruir-se. Não sou as suas estúpidas irmãszinhas, você não pode enganar-me. Eu vou realizar o seu desejo. Você irá livrar-se de mim (como quer) e eu me livrarei de você. Tudo muito justo” (Hein, 2021, p. 554-555).

Na discussão entre Alice e Carole, o duplo propõe à protagonista que ela dê fim ao próprio sofrimento, escolhendo a única alternativa viável: a morte. Apesar de, ao longo da narrativa, suas irmãs manifestarem preocupação de que Alice viesse a se suicidar, a oferta clara e direta da morte não lhe deixa de causar estupefação. A tensão que o duplo instaura em sua oferta insere-a numa mistura de sentimentos: fascínio e horror. Vale lembrar que a dor da perda do tio acentua na moça o desejo pela autodestruição, oportunidade que o duplo percebe, a fim de não apenas sobrepor-se à sua metade rival, mas dar o consolo eterno ao enlutamento da protagonista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intensamente traumatizada pelo acidente, Alice ocultou-se tentando exibir uma ilusória postura forte e estruturada diante de amigos e familiares. Ela esquivou-se, inclusive, do diálogo com o seu analista, em quem ela não depositou confiança. Mas seus problemas não desapareceram por isso. Imersa em culpa e depressão, e, ainda assim, cobrada por seus familiares para que assuma um posicionamento diante das necessidades deles, ela se deixou consumir pela angústia. Escapar para os sonhos, como fazia na infância, era a forma pela qual ela sempre conseguiu ordenar e fundamentar as suas ações no mundo real. Não obstante, nesse momento de sua vida, seus sonhos foram também tomados pelos mesmos conflitos que a atormentam na realidade.

O mundo real, objetivo e externo de Alice está desmoronando em decorrência do luto que ela vive, abrindo espaço para que o caos e acontecimentos inexplicáveis surjam. Seja no plano real ou no plano onírico, Alice enfrenta conflitos que só corroboram o aumento da sua dor. Consequentemente, isso se revela como porta de entrada para que o duplo surja no plano onírico, com o objetivo de oferecer a Alice o que parece ser o seu desejo: a morte.

Assim, ao longo de toda a narrativa, acontecimentos estranhos se misturam às tentativas de destruição do mundo de Sonhos, em que a tensão abre uma fenda, um entrelugar, que possibilita que o duplo, seu simulacro negativo, exista, mesmo que não de modo concreto, na realidade cotidiana da moça.

No plano da realidade, a relação de Alice com os seus familiares, particularmente com a mãe, ganha um crescente que parece estrangular qualquer possibilidade de continuar a viver. Cada vez mais, a protagonista considera que o

único caminho possível para ela é deixar de viver. É nesse ambiente de tensão que o duplo se apresenta e mostra que é capaz de realizar o desejo da moça, pondo fim a tudo de estranho e doloroso que acontece na vida da protagonista. O debate entre Alice e Carole exemplifica, desse modo, a tensão e a instabilidade provocadas pelas situações insólitas e culminadas com o surgimento do duplo como uma entidade maliciosa que tenta instaurar a vulnerabilidade e, assim, o fim de Alice.

The mourning as a trigger of the unusual and the double in the book *Alice in Dreams*

Abstract

The book *Alice in Dreams*, by the Niterói writer, Leslie Lothar C. Hein, published in 2021, will be analysed from the following guiding question: “How are the unusual and the double triggered by the mourning that the main character, Alice, experiences?”. Composing of the current universe of fantastic literature and the fictional unusual, this work will be guided by the ideas of “between” and “tension”, developed by researchers Manuel Antonio de Castro and Fábio Santana Pessanha, both from UFRJ. Our aim is to emphasise the role of mourning as a key trigger of the unusual in the narrative and of the double in the main character, the double being understood as a Platonic simulacrum.

Keywords

Fictional unusual. Double. Mourning.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, A. G. R. Duplo – origem e constituição. In: REIS, C.; ROAS, D.; FURTADO, F.; GARCÍA, F.; FRANÇA, J. (ed.). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional (e-DDIF)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. Disponível em: <https://www.insolitificcional.uerj.br/duplo-origem-e-constitucao/>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- CASTRO, M. A. de. A realidade e o insólito. In: GARCIA, F. (org.). *Narrativas do insólito: passagens e paragens*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. p. 8-31.
- CRESPO, R. Identidad y alteridad: una aproximación filosófica al problema del doble. *Daimon Revista Internacional de Filosofía*, n. 20, p. 5-23, 2000.

CUNHA, C. Duplo. In: CEIA, C. (org.). *E-dicionário de termos literários*, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/duplo/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

GARCÍA, F. Insólito ficcional. In: REIS, C.; ROAS, D.; FURTADO, F.; GARCÍA, F.; FRANÇA, J. (ed.). *Dicionário Digital do Insólito Ficcional (e-DDIF)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. Disponível em: <https://www.insolitoficcional.uerj.br/insolito-ficcional/>. Acesso em: 2 jul. 2023.

HEIN, L. L. C. *Alice em Sonhos*. São Paulo: Amazon, 2021. *E-book*.

LEITE, F. E. G. *O duplo como manifestação do insólito em contos de Lygia Fagundes Telles e Ignácio de Loyola Brandão*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2013.

PESSANHA, F. S. O insólito na dimensão do poético: o movimento de um questionar. In: GARCIA, F. (org.). *Narrativas do insólito: passagens e paragens*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. p. 32-48.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução: Maria Clara Correia Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.